

ABC de castro alves

JORGE AMADO



Posfácio de Domício Proença Filho



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.

1ª edição, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1941

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

*Consultoria da coleção* Ilana Seltzer Goldstein

*Projeto gráfico* Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

*Pesquisa iconográfica* Bete Capinan

*Imagens de capa* Acervo Museu da Cidade do Rio de Janeiro (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © <verificar> (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

*Cronologia* Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

*Assistência editorial* Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

*Preparação* Leny Cordeiro

*Revisão* Isabel Jorge Cury e Huendel Viana

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Amado, Jorge, 1912-2001.  
ABC de Castro Alves / Jorge Amado ; posfácio de Domicio Proença Filho. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1659-1

1. Alves, Castro, 1847-1871 2. Poetas brasileiros - Biografia  
I. Proença Filho, Domicio II. Título.

10-03572

CDD-928.6991

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Poetas brasileiros : Biografia 928.6991

*Diagramação* Spress

*Papel* Pólen Soft

*Impressão e acabamento* RR Donnelley

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

## INTRODUÇÃO COM UM ACALANTO E DUAS NOTAS

*Te embalarei com uma canção sentida.*

SENTA-TE AQUI AO MEU LADO, AMIGA, e eu te contarei uma história. Faz tempo que não te conto uma história na beira deste cais. A noite está cheia de estrelas, são homens valentes que morreram. Senta-te aqui, dá-me a tua mão, vou te contar a história de um homem valente. Vês aquela estrela lá longe, mais além do navio fundeado, mais além do forte velho, da sombra das ilhas? Deve ser ele iluminando o céu da Bahia. Não sei se será bem uma história o que te vou contar. Talvez seja uma louvação, talvez seja um ABC. Um ABC, negra, como aquele de Lucas da Feira:

*Fui preso para a Bahia  
fizeram grande função.  
Mas eu descí a cavalo  
e os guardas de pés no chão.*

Lampião teve o seu ABC, num ABC foi cantada Maria Bonita que cortou o sertão com o seu homem e por ele deu a cabeça bem próximo a Propriá. Essa história de tão trágico amor melhor que eu te contarão as águas do São Francisco que passavam perto. Já ouviste certa vez o ABC de Rosa Palmeirão, a grande

rosa na blusa, a navalha na saia, e lutava com seis homens e a seis homens vencia? Eram mulheres bonitas, tanto uma como outra, a do sertão, a do cais, quase tão bonitas como tu, negra. Besouro também teve um ABC que fala no vento e no seu saveiro pois ele era marítimo e nunca usou armas, lutava de peito aberto. Este de quem te falarei não tinha armas também. Ia de peito aberto e a todos vencia. Vencia os homens, os fortes do mundo que esmagavam negros escravos, vencia as mulheres, as mais belas da terra, as que esmagavam corações. Te direi das suas lutas, das primeiras e das últimas, e saberás então o motivo por que ninguém é indiferente perante ele, odiado dos tiranos, amado do povo. Te falarei dele como já te falei de Besouro, de Lucas da Feira, de Rosa Palmeirão e também do negro Antônio Balduino.

Talvez invente menos, talvez não invente mesmo nada que nada é preciso acrescentar para que a sua vida seja um prodígio de beleza. É possível, no entanto, que te diga que ele fez coisas que apenas escreveu, que te conte de conversas que ninguém assistiu e talvez nem houvessem existido. Mas que, em verdade, deviam ter existido, estavam no que ele produziu, nos versos que deixou. Se o fizer, amiga, será para que tenhas uma mais nítida ideia de como ele era forte como o tufão quando se jogava contra as injustiças e de como era brando como a brisa quando a sua voz se dirigia a tímidos ouvidos de mulher. Só inventarei o que estiver de acordo com ele, o que couber na sua figura cuja sombra se projeta cada vez maior sobre todos os que escrevem e sentem no Brasil. Até sobre este teu amigo, contador de histórias de negros e marítimos.

Já viste da beira do cais o vento noroeste se despenhar sobre a cidade e o mar, levar embarcações, desatracar navios, mudar o rumo dos transatlânticos, transformar a cor das águas? É rápido, inquietante, belo, quase irreal. Dura um instante na medida do tempo. Mas, mesmo depois que o noroeste passa e volta a calma, fica a sua lembrança e é impossível esquecê-lo porque tudo mudou na face das coisas: é outra a fisionomia do cais e o ar que se respira é mais puro. Assim, negra, foi Castro Alves. Tinha a força

do vento noroeste, o seu ímpeto, a sua violência. Tinha a sua beleza também. E deixou o ar mais puro, a sua lembrança imortal.

Tinha a precocidade desses moleques de rua a quem acariciava a cabeça e dos quais te contei a história. Começou muito moço e muito moço terminou. Foi o mais belo espetáculo de juventude e de gênio que os céus da América presenciaram.

No tempo que andou nestas e noutras ruas, disse tantas e tão belas coisas, amiga, que sua voz ficou soando para sempre e é cada vez mais alta e cada vez mais a voz de centenas, de milhares, de milhões de pessoas. É a tua voz, negra, é a voz do país inteiro e da cidade lá atrás também. Falou por todos nós como nenhum de nósalaria. É ainda hoje o maior e o mais moço de nós todos.

No teatro grande lá de cima ouviste certa vez uma numerosa orquestra. Lembra-te da hora em que os músicos se juntaram todos num esforço supremo e produziram com os seus instrumentos e com a sua virtuosidade uma nota mais alta que todas, que todas mais bela, nota que ficou soando na sala mesmo após a saída dos espectadores? Pois assim foi Castro Alves. Há momentos no mundo em que todas as forças de uma nação se conjugam e, como uma nota mais alta que todas, aparece, tranquilo e terrível, demoniacamente belo, justo e verdadeiro, um gênio. Nasce dos desejos do povo, das necessidades do povo. Nunca mais morre, imortal como o povo.

Este, cuja história vou te contar, foi amado e amou muitas mulheres. Vieram brancas, judias e mestiças, tímidas e afoitas, para os seus braços e para o seu leito. Para uma, no entanto, guardou ele suas melhores palavras, as mais doces, as mais ternas, as mais belas. Essa noiva tem um nome lindo, negra: liberdade.

Vê no céu, ele brilha, é a mais poderosa das estrelas. Mas o encontrarás também nas ruas de qualquer cidade, no quarto de qualquer casa. Seja onde for que haja jovens corações pulsando pela humanidade, em qualquer desses corações encontrarás Castro Alves.

Dá-me agora tua mão direita, ouve o ABC do poeta.

## NOTA NÚMERO 1

Eis um livro de pobre bibliografia. É claro que li Afrânio Peixoto, Múcio Teixeira, Xavier Marques, Edison Carneiro, Pedro Calmon, esses em livro, tantos outros (alguns importantes como Euclides da Cunha, Rui Barbosa, Gilberto Amado, Pinheiro Viagas, Agrippino Grieco) em artigos, conferências e folhetos. Uns muito fracos (pobres homens que se esforçaram para compreender um poeta que nada tinha para lhes dizer, muito tinha que dizer contra eles), outros melhores como o de Afrânio Peixoto, tão inteligente e tão apaixonado pelo poeta mas demasiadamente longe da sua poesia devido à sua vida amável, como o de Edison Carneiro, tão próximo ao poeta e tão capaz de compreendê-lo, já que talvez seja o mais poderoso dos ensaístas da sua geração, mas que sacrificou pela pressa de confecção o seu estudo, ainda assim a melhor coisa que possuímos na bibliografia de Castro Alves. Inúmeros outros livros me foram úteis para o estudo da época em que viveu o poeta e dos problemas que mais o preocuparam. A verdadeira bibliografia deste livro, porém, são as poesias de Castro Alves, mais uma vez lidas na edição reunida e comentada por Afrânio Peixoto. Aliás, bastaria esse serviço do ilustre acadêmico às letras nacionais para fazê-lo digno da admiração e da estima dos intelectuais brasileiros.

## NOTA NÚMERO 2

É claro que me permiti liberdades nesta biografia. Além do que não segui nenhum processo propriamente biográfico. Saiu mais uma louvação. Ela é, faço questão de repetir, antes uma biografia do poeta que mesmo do homem. Fico feliz se ela for uma louvação digna do gênio de Castro Alves. Ainda assim acho que as palavras por mais elogiosas que sejam nunca dirão dele o quanto ele merece. Talvez também o rigor histórico sofra um bocado nas minhas toscas mãos de romancista. Que se danem os historiadores! O que eu pretendi foi fixar a passagem do maior poeta do Brasil por um país rico de versejadores e pobre de verdadeiros poetas. Esse fato prodigioso e importantíssimo que é o aparecimento de um gênio da altura de Castro Alves provocou no Brasil até agora uma literatura de homens que, talvez atemorizados pela grandeza do acontecimento, têm-se restringido à veracidade das datas e à descoberta dos nomes verdadeiros daquelas a quem eram dirigidas determinadas produções do poeta. Muito útil, sem dúvida, mas muito pouco. Faltou-lhes a coragem de encarar Castro Alves de frente e tentar modelar seu perfil nas suas verdadeiras proporções. De tomar dos seus versos e transformá-los em palavras suas, ditas em conversas nas passeatas boêmias da Bahia, do Recife ou de São Paulo. Castro Alves foi um artista que encarou a vida de frente, que não teve medo de se envolver nos problemas dos homens. Os que têm escrito sobre ele, na sua maioria, são escritores que fugiram da vida para a mentira de uma falsa arte. Eu tento uma biografia de Castro Alves na sua inteireza de poeta e de homem. Tento sem nenhum receio. Posso falhar por falta de capacidade literária, mas sei bem que não deturparei a verdadeira fisionomia de Castro Alves. Como escritor uma coisa me liga poderosamente a ele: tenho sempre encarado a vida de frente e, como ele, escrevo para o povo e em função do povo. E nada mais desejo nesta louvação do poeta que ides ler senão mostrá-lo ao povo na beleza da sua vida, a esse povo que o ama pela força e pela beleza dos seus versos. Este

livro escrito a pedido de uma mulher a quem devo muita alegria, é destinado não aos literatos e aos ensaístas mas sim ao povo. Quero apenas, neste momento do mundo, lembrar-lhes a lição de Castro Alves.

Outra coisa que faço questão de notar é que não tenho a mais mínima intenção de realizar ensaio crítico. Não irei pesquisar se ele foi um “gênio verdadeiro”, se na sua obra se encontram mesmo aqueles célebres “valores eternos” tão estribilhados por todos os castrados da literatura, se para os “tempos modernos” o seu interesse “do ponto de vista da poesia” (oh! os donos da poesia!) é, como já alguém escreveu, “bastante histórico”. Deixo esse explodir de rancorezinhos para a voz dos críticos e poetas modernistas (vozes tão débeis diante da de Castro Alves que só podem mesmo se preocupar com coisas desse porte). Quero é escrever sobre Castro Alves com amor, como um homem do povo sobre um poeta do povo, escrever com esse amor que dá a verdadeira compreensão, que nos faz sentir muito mais o que há de humano e de grande e de gênio num poeta que todos os tratados de teoria poética e que todos os arquivos, por mais volumosos, por mais bem fichados. Que, ao lado dos meticulosos historiadores, se danem os meticulosos críticos e analistas. Castro Alves era feito doutro barro.



## A

*Filho da tempestade, irmão do raio,  
Lança teu grito ao vento da procela.*

NO AGRESTE SERTÃO, AMIGA, ACONTECEU uma história de amor. Longe das grandes cidades, nas terras bravias do Nordeste, as paixões, os instintos e os preconceitos medravam e cresciam paralelamente. Era a caatinga em torno, as fazendas feudais, os homens vestidos de couro, uma lei primária dominando. Um código de honra nascera no sertão e ainda hoje, cem anos quase passados sobre essa história, ele existe no coração dos senhores das fazendas e no coração dos cangaceiros. O sertão cria homens fortes e mulheres belas e cria também devoradoras paixões no mais tímido peito da mais recatada donzela que vivera até então escondida no labirinto das casas-grandes. As mais tímidas mulheres do sertão quando chega o seu momento de amor são fortes como o mais corajoso cabra de Juazeiro. É a caatinga que as faz assim. Léguas e léguas de mato que não é vegetação, é puro espinho que rasga os pés, os braços e o peito. Quem nasceu na caatinga, viu o mugir triste dos bois nos mais tristes crepúsculos, cresceu ouvindo histórias de secas e de cangaceiros, assistindo a duelos de punhal e a amansamentos de touros bravios, aprendendo que a vida é feita para ser vivida valentemente, quem vive o anônimo heroísmo diário do sertão, é capaz até de se levantar e

lutar contra o código de honra que o próprio sertão criou. A força do amor se junta à força que vem da braveza da terra. Aí nascem os cangaceiros célebres e as mulheres que pelo amor abandonam tudo, lar e família, conforto e honra. Aí nasceu Pórcia, a que se consumiu no amor de Leolino, heroína do mais dramático idílio do sertão. Aí nasceram os Castros, os Canguçu, os Mouras e os Medrados, donos do sertão e zeladores do seu código de honra. Aí nasceu também Castro Alves, filho de Clélia Brasília, irmã de Pórcia. Aquele que havia de cantar uma a uma as belezas do sertão e os sentimentos dos sertanejos nasceu quando a tragédia de sua tia alcançava o seu fim.

Castro Alves nasceu sob o signo do amor mais livre, dos instintos lutando contra os preconceitos, do homem procurando a sua felicidade contra tudo e contra todos. No ano em que o sertão vivia a sua mais intensa história de amor e sangue, em que toda a terra da caatinga, desde o Paraguaçu ao São Francisco, estremecia aos gritos de vingança dos Canguçu e dos Castros, quando o tropel dos cavalos anunciava o começo dos tiroteios, quando, na quietude das noites mornas, o punhal descia sobre a garganta ou o peito de um Moura, quando Exupério, irmão de Leolino, se celebrizou como dono da mais certa pontaria de todas aquelas terras, quando o sertão assistia às mais espantosas cenas de crueldade e de coragem, e, quando a caatinga ouviu dos lábios amantes de Pórcia e Leolino as mais doces palavras de amor, os queixumes, os risos e suspiros de amor que o vento levava em direção ao mar, no ano em que a força livre do amor se levantou contra a lei dos homens estabelecida no sertão, nesse ano nasceu Castro Alves.

Na casa-grande em que nasceu pouco se falava na história, ela estava, porém, gravada na face sombria do major Silva Castro, nas lágrimas que Clélia derramava sobre o berço do filho, nas rugas que cortavam a testa do dr. Alves, nos gritos de alucinada que Pórcia soltava no seu quarto de prisioneira da família. Tudo falava da tragédia, tudo lembrava ao infante a lei do sertão que devia ser obedecida e cumprida sob pena de morte ao que a desrespeitasse.

Muitos anos levaram os homens a construir aquele código. Antes eram livres na terra livre, o amor não tinha peias, nascia e crescia entre os homens e as mulheres da caatinga. A lei era na cidade para os civilizados que podiam ter requintes. Mas as fazendas foram crescendo, as riquezas se acumulando e os homens levaram a lei para o sertão. Lá tudo era bravio e cruel. A lei foi mais cruel também. Durante vários anos os missionários ensinaram a lei ao povo, acorrentaram os sertanejos ao código de honra. E ai daquele que o rompesse! Não tardava o castigo, não se mancha impunemente a honra de um senhor da caatinga.

Tudo lembrava ao infante que viera nascer nas terras dos seus, que viera ver, antes de qualquer outra, a luz violenta do sertão, tudo lhe lembrava que o código e a lei deviam ser obedecidos. Mas o infante no seu berço de rendas, as mucamas lastimosas em torno, o que aprendeu da tragédia foi o que lhe ensinaram Pórcia e Leolino amantes, rompendo com tudo para se entregarem no silêncio e na solidão, para se amarem livremente, para viverem um instante que fosse de liberdade e de amor. Ele só aprendeu que a lei era inimiga do amor, inimiga do homem e que mais belo que tudo era romper com a lei e partir livremente. O menino que nascera no ano em que os facões afiados cortavam em pedaços outra criança, criança que nascera de um amor que a lei não autorizara, havia de ser anos depois o cantor apaixonado da liberdade, havia ele também de se consumir de amor. Nada lhe ensinaram os Castros, os Mouras e os Medrados. Só a bela Pórcia e o valente Leolino tiveram uma lição para Castro Alves. Como eles o menino sertanejo foi romântico e sensual, quebrador de grilhões, inimigo de tudo que tornava os homens menos livres.

Amiga, ouve a história de Pórcia e de Leolino e ficarás sabendo o porquê de muitos versos do Poeta.<sup>1</sup>

Em 1822 um príncipe português orientado por um dos mais hábeis políticos da América, José Bonifácio, proclamou independentes as terras, até então portuguesas, do Brasil. As festas e as flores, os discursos e os hinos, foram muitos em todo o país. Mas na Bahia, a liberal Bahia, os ex-donos da terra resistiram. As lutas

da independência se prolongaram por um ano em Cachoeira e Itaparica, em todo o Recôncavo. Homens se fizeram heróis, mulheres se fizeram heroínas. O amor à liberdade surgiu em cada peito, os homens saíram das suas casas para defenderem o direito de possuir uma pátria livre:

*Não! Não eram dous povos, que abalavam  
Naquele instante o solo ensanguentado...  
Era o porvir — em frente do passado,  
A Liberdade — em frente à Escravidão,*

escreveu o poeta anos depois, quando cantou estas lutas num dos seus mais belos poemas. Era o povo do Brasil desejando ser livre. Da cidade surgiram heróis, outros heróis vieram do sertão. Um deles se chamava Silva Castro, era um homem rude e corajoso, reto dentro da lei, insolente e altivo, e em torno dele, no seu batalhão, se reuniram os homens mais valentes dos que lutavam pela Independência.<sup>2</sup> E não só os homens, também uma mulher, que tinha a coragem de um soldado e que amava igualmente a liberdade, se juntou à sua tropa. Seu nome era Maria Quitéria e como os soldados ela estimava aquele comandante reto e cumpridor das suas obrigações, o primeiro a se lançar ao combate, o último a repousar. Silva Castro fez com seu batalhão todo o itinerário das lutas da Independência. Chegaram ao Dois de Julho cobertos de feitos, o batalhão adorando seu comandante. Fora uma epopeia escrita com sangue no Recôncavo Baiano e soldados e comandante esperavam continuar juntos para os acontecimentos que se seguissem. Porém Silva Castro, se agradava aos soldados pelas suas qualidades de chefe, sertanejo acostumado a labutar com vaqueiros e cabras decididos, não era perfeito para o governador das armas. O coronel Gomes Caldeira tinha suas queixas da rispidez e da altivez do comandante. Aquele homem tinha a franqueza brutal dos sertanejos e nem sempre amava se curvar às etiquetas e gastar suas palavras em ditirambos aos poderosos. Nada podia Gomes Caldeira fazer contra ele, já que o